

Agenda Econômica

[Reunião do Comitê de Política Monetária \(Copom\) - BACEN](#)[IGP-M de maio - FGV](#)[Sondagem de Serviços referente a maio](#)[Indicador de Incerteza da Economia Brasil \(IIE-Br\) de maio - FGV](#)[Fórum de Investimentos Brasil 2017 – Apex Brasil](#)ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE**ETENE****Análise e Perspectivas****Índice de Construção Civil Nordeste: material de construção e mão de obra são os mais baratos do País**

“Nos materiais, a Bahia se destacou como o estado com o menor preço do País, enquanto o Piauí aparece com o maior valor do Nordeste... Sergipe apresentou o menor custo nacional da mão de obra, enquanto a Paraíba registrou o valor mais caro da Região”

O custo nacional da construção civil, por metro quadrado (m²), subiu 0,15% em abril. Esta variação foi menor que a do mês anterior (0,46%), como também inferior à taxa de abril de 2016 (0,46%). Em dose meses, até abril de 2017, a taxa acumulada foi de 5,07%, conforme o Índice Nacional da Construção Civil (SINAPI), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O metro quadrado passou de R\$ 1.037,96, em março, para R\$ 1.039,54 em abril, sendo R\$ 534,41 relativos aos materiais e R\$ 505,13 à mão de obra. Ou seja, de um modo geral, os materiais são responsáveis por 51,4% dos custos totais da construção e a mão de obra, por 48,6%.

O custo da mão de obra teve elevação de 0,28% em abril, enquanto o dos materiais subiu apenas 0,04%, taxa aproximada à registrada no mês anterior (0,06%). No acumulado dos últimos 12 meses, o custo dos materiais (1,45%) cresceu significativamente abaixo da variação da mão de obra (9,21%). Tal aumento no preço da mão de obra (9,21%) foi 5,22 pontos percentuais superior ao da inflação do período (3,99%), medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), parâmetro comumente utilizado para reajustes salariais e negociações

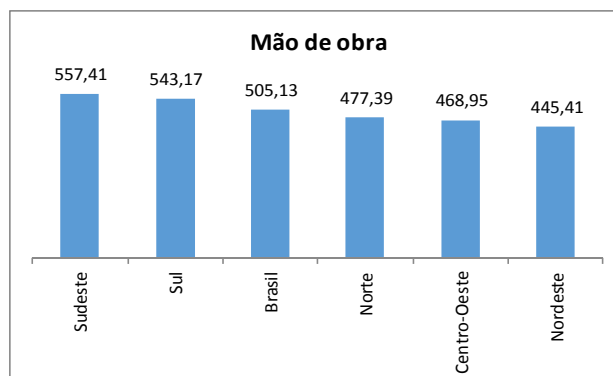
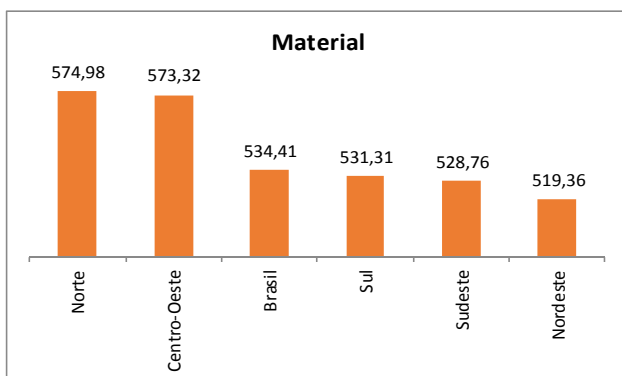
trabalhistas.

No Nordeste, os gastos com construção civil cresceram 0,47% em abril, registrando a maior variação para o mês, dentre as regiões do País: 0,01% (Norte), 0,02% (Sudeste), 0,05% (Sul) e 0,02% (Centro-Oeste). De qualquer modo, o Nordeste manteve sua condição de menor custo regional por m² (R\$ 964,77), 7,2% inferior ao da média brasileira (R\$ 1.039,54) e 11,2% menor do que o encontrado na região mais cara do País, o Sudeste (R\$ 1.086,17).

Em dose meses, até abril de 2017, a taxa acumulada no Nordeste foi de 4,38% (abaixo dos 5,07% nacionais), puxada, principalmente, pelo aumento no preço da mão de obra (8,11%), já que os materiais subiram apenas 1,39% no período, ambos crescendo abaixo da média nacional (9,21% e 1,45%, respectivamente).

Desta forma, o Nordeste também foi responsável pelos menores custos por componente da construção. Tanto a mão de obra (R\$ 445,41) quanto os materiais (R\$ 519,36) foram mais baratos nesta Região do que nas demais, conforme se observa no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Custo médio por componentes da construção civil (material e mão de obra) - Brasil e Regiões - Abril de 2017 (R\$/m²)



Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

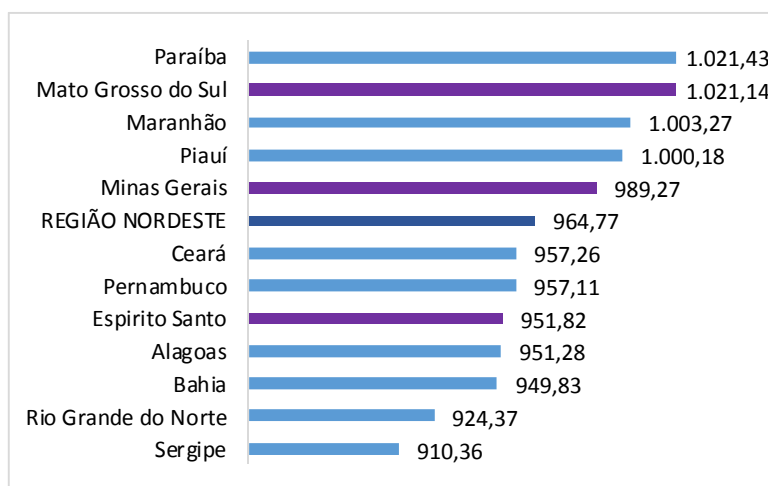
Análise e Perspectivas

Índice de Construção Civil Nordeste: material de construção e mão de obra são os mais baratos do País.

Nos materiais de construção, o custo nordestino foi 2,8% menor do que a média nacional e 9,7% inferior ao da região mais cara, o Norte (R\$ 574,98). A mão de obra nordestina foi 11,8% menor que a média nacional e ficou 20,1% abaixo da encontrada na região mais cara do País, o Sudeste (R\$ 557,41).

Em nível estadual, os nove estados do Nordeste figuraram entre os doze mais baratos do Brasil (Gráfico 2). Sergipe se manteve como o estado com o menor custo do País (R\$ 910,36), seguido por outros três estados da Região, Rio Grande do Norte (R\$ 924,37), Bahia (R\$ 949,83) e Alagoas (R\$ 951,28), em ordem crescente.

Gráfico 2 - Custo médio da construção civil - Nordeste e os doze estados mais baratos do Brasil - Abril de 2017 (R\$/m²)

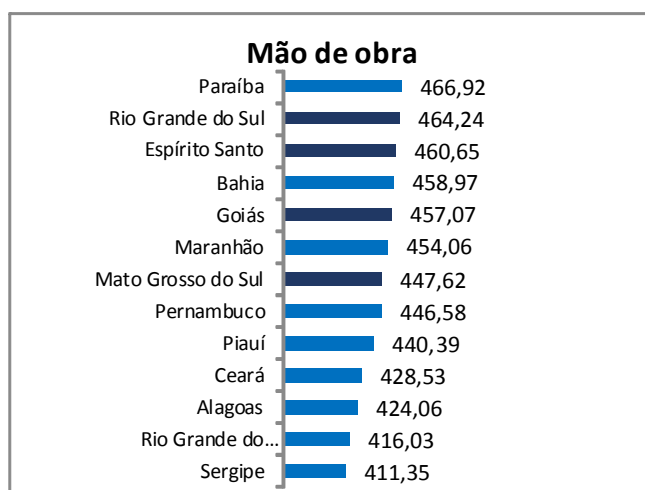
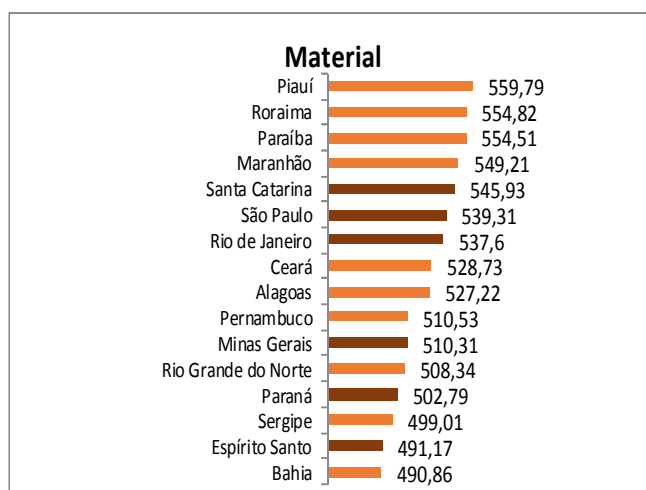


Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Além dos estados do Nordeste, Espírito Santo (R\$ 951,82), Minas Gerais (R\$ 989,27) e Mato Grosso do Sul (R\$ 1.021,14) ficaram entre os doze mais baratos do País em construção civil, ocupando o 5º, o 8º e o 11º lugares, respectivamente. Em abril, a Paraíba voltou ao patamar de maior custo por m² da Região (R\$ 1.021,43) e respondeu pela variação mensal mais elevada do País (2,63%), decorrente do reajuste salarial resultante do acordo coletivo. Foi seguida pelo Maranhão (R\$ 1.003,27) e Piauí (R\$ 1.000,18), conforme aponta o Gráfico 2.

Por componente, a Bahia se destacou como o estado mais barato do País nos materiais de construção (R\$ 490,86). No Nordeste, foi seguido por Sergipe (R\$ 499,01) e Rio Grande do Norte (R\$ 508,34), 3º e 5º estados com menor custo do País, respectivamente (Gráfico 3). Por outro lado, o Piauí aparece com o maior valor de materiais da Região (R\$ 559,79), seguido pela Paraíba (R\$ 554,51) e Maranhão (R\$ 549,21), todos com preços superiores a alguns estados da Região Sudeste e ao da média nacional.

Gráfico 3 - Custo médio por componentes da construção civil (materiais e mão de obra) - Estados selecionados a partir do maior custo do Nordeste - Abril de 2017 (R\$/m²)



Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Análise e Perspectivas

Índice de Construção Civil Nordeste: material de construção e mão de obra são os mais baratos do País.

O Estado de Sergipe apresentou o menor custo nacional da mão de obra por m² (R\$ 411,35), seguido pelo Rio Grande do Norte (R\$ 416,03). A Paraíba ultrapassou o Maranhão, neste mês de abril, registrando a mão de obra mais cara do Nordeste (R\$ 466,92), conforme indica o Gráfico 3. Esta, contudo, é 23,6% mais barata do que a do Rio de Janeiro (R\$ 610,88), que possui a força de trabalho mais cara do País.

No âmbito nacional, as perspectivas para o setor da construção, identificadas pela pesquisa Sondagem da Indústria da Construção, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), revelam que, no mês de abril, as expectativas foram menos desanimadoras do que no mês anterior, apesar das dificuldades apresentadas no mês de março.

Houve melhora nos indicadores que medem as expectativas, retomando a tendência observada no primeiro bimestre do ano e interrompida no mês de março. Assim, em abril, os índices de expectativa: **nível de atividade; novos empreendimentos e serviços; compras de insumos e matérias-primas e número de empregados**, ficaram mais próximos da perspectiva do otimismo para os próximos meses.

A melhora nas expectativas reflete, em grande parte, os resultados industriais do mês de março. Na passagem de fevereiro para março de 2017, a utilização da capacidade de operação (UCO) subiu 3 pontos percentuais (p.p.), para 56%. Cabe destacar, contudo, que este patamar é 1 p.p. inferior ao registrado em março de 2016 e está 8 p.p. abaixo da média histórica para o mês de março. No mesmo período, houve manutenção do movimento de queda tanto no **nível de atividade** quanto no **número de empregos**, mas com recuos considerados menos intensos e disseminados pelo terceiro mês consecutivo.

Após dois meses seguidos de queda, o indicador que mede a **intenção de investimento em compras de máquinas e equipamentos, pesquisa e desenvolvimento e inovação de produto ou processo** voltou a subir em abril, embora continue em patamar significativamente abaixo de seu desempenho histórico, calculado desde o ano de 2013. Isto indica que os empresários da indústria da construção continuam pouco propensos a investir.

Por outro lado, a avaliação das condições financeiras e dos problemas enfrentados pela indústria da construção, relativos ao primeiro trimestre de 2017, aponta para um agravamento dos resultados enfrentados no trimestre anterior. Reflete maior insatisfação com a **margem de lucro** e com a **situação financeira da empresa**. Complementarmente, ainda é considerada bastante elevada a dificuldade de **acesso ao crédito**.

Quanto aos problemas enfrentados no primeiro trimestre, destaca-se a **demandas interna insuficiente** como principal problema, com peso crescente desde o início da série, no primeiro trimestre de 2015. Em seguida vem a **elevada taxa de juros**, cuja trajetória de queda ainda não se mostrou suficiente para favorecer a indústria da construção. A **elevada carga tributária** e a **inadimplência** disputam o terceiro lugar de importância, completando um ciclo de problemas que retrata o quadro nacional recessivo, o elevado nível de desemprego e o desequilíbrio das contas públicas.

Fontes: IBGE e CNI.

Autor: Liliane Cordeiro Barroso, Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisas da Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas do ETENE/BNB.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airtton Saboya Valente Junior. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Biágio de Oliveira Mendes Junior, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso e Wendell Márcio Carneiro Araújo. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho. Estagiária: Francisca Crisia Diniz Alves. Jovem Aprendiz: Anderson Acioly da Silva.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.